

Professores em luta: práticas alternativas de organização sindical. O caso de SUTEBA Bahía Blanca (Argentina) *

Pablo Ariel Becher **

Resumo:

O estudo do sindicalismo dos professores a partir das suas práticas e experiências de conflito permite-nos revelar uma vantagem impensável das formas como a luta de classes se desenvolve no setor estatal na Argentina no período pós-convergência (2003-2015). Voltando a um sindicato específico na província de Buenos Aires, que demonstrou níveis muito elevados de mobilização e greve, este documento investiga a partir de uma metodologia qualitativa e quantitativa o processo de ações de protesto e as formas de organização colectiva e alternativa que ocorreram na seção da SUTEBA de Bahía Blanca, por um lado para fazer avançar a relação entre estratégias, experiências e práticas dos professores nos processos de constituição de organizações sindicais, e por outro lado nas formas de construção de significados políticos que os professores experimentam como setor assalariado.

Palavras-chave: Bahía Blanca- Estratégias- Conflitividade na educação- Práticas da União- Suteba.

Teachers in struggle: alternative union organizing practices. The case of SUTEBA Bahía Blanca (Argentina)

Abstract:

The study of teachers unionism based on their practices and experiences of conflict allows us to reveal an unthinkable advantage of the ways in which class struggle develops in the state sector in Argentina in the post-convergence period (2003-2015). Returning to a specific union in the province of Buenos Aires, which demonstrated very high levels of mobilization and strike action, this paper investigates from a qualitative and quantitative methodology the process of protest actions and the forms of collective and alternative organization that occurred in the SUTEBA section of Bahía Blanca, on the one hand to advance the relationship between strategies, experiences and practices of teachers in the processes of constitution union organizations, and on the other hand in the forms of construction of political meanings that teachers experience as a salaried sector.

Keywords: Bahía Blanca- Strategies- Conflictivity in education- Union Practices- Suteba.

Introdução

O objetivo deste artigo é caracterizar as estratégias de ação sindical e os processos de conflito produzidos pelos professores estaduais agrupados na seção do Sindicato Unificado de Trabalhadores da Educação de Buenos Aires (SUTEBA) de Bahía Blanca, durante o período 2003-2015¹.

A história deste sindicato particular, as relações geradas com outros setores de trabalhadores e sua representatividade no marco político da cidade de Bahía Blanca e da província de Buenos Aires (Argentina), nos permite compreender a escolha deste grupo como objeto de estudo, dentro do conjunto de sindicatos de professores (não privados ou universitários) que existem no contexto provincial.

A proposta envolve retomar a análise dos conflitos e relacioná-la ao conceito de estratégia, onde práticas sociais, tradições de protesto e experiências de organização sindical (Gindin, 2011) são combinadas dentro de um conjunto de territórios disputados.

* Recebido em 02 de agosto de 2021. Aprovado em 05 de agosto de 2021.

** Doutorando pela Universidade Buenos Aires (UBA). Mestre em Sociologia pela Universidade Nacional del Sur (Argentina). Graduado como Professor e Licenciado em Historia na Universidad Nacional del Sur (UNS). Filiação institucional: CONICET-UNS-CEISO. Bahía Blanca, Provincia de Buenos Aires, Argentina. End. Eletrônico: pablobecher@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-8029-1252.

¹ Esta pesquisa é parte de um trabalho mais amplo de uma tese de doutorado em ciências sociais (UBA) que relaciona a análise do conflito deste setor trabalhista com as experiências e práticas sindicais que constituem os fenômenos de politização e militância sindical e, por outro lado, com as relações sócio-políticas do sindicato, dentro de um quadro de forças sociais em conflito, principalmente com o Estado, mas também com uma forma de fazer e pensar o sindicalismo. Neste documento, alguns desses dados são apresentados de forma parcial.

A linha de pesquisa adotada está inscrita na história recente do movimento operário argentino e latino-americano, como um campo de disputas entre forças sociais (Pérez, Álvarez, 2013), combinada com a caracterização de conflitos trabalhistas no setor docente durante a pós-convertibilidade (Gindín, 2006; Chiappe e Spaltenberg, 2010).

O sindicalismo docente na Argentina foi afetado por sucessivas reformas educacionais, que levaram ao desfinanciamento e descentralização da educação (Jaimovic et al, 2004; Gentili et al. 2013), deteriorando as condições de trabalho dos trabalhadores (Migliavacca, 2009) e reconfigurando sua própria identidade trabalhista (Donaire, 2017). Entretanto, o setor de ensino estatal mostrou uma grande capacidade de resistência desde os anos 90, posicionando-se como um ator sindical relevante (Gindín, 2013). Seu alto nível de conflito o destacou em relação a outros sindicatos durante o período pós-2003, de modo que as alianças políticas e táticas de ação que realizou serviram de modelo de oposição para outros sindicatos.

Durante os governos Kirchneristas (2003-2015), os conflitos trabalhistas se intensificaram no contexto da recomposição capitalista após a crise de 2001 (Bonnet, 2015). No campo do sindicalismo docente estatal, as relações ambivalentes das lideranças centrais com um governo que promoveu leis favoráveis (Feldefeber, 2012), embora limitadas na prática (Rossi, 2011), envolveram um reposicionamento das estratégias sindicais em nível nacional (CTERA, UDA, CEA, AMET²) e na província de Buenos Aires (SUTEBA, *Federación Educadores Bonaerense*-FEB, e outros sindicatos de professores), em muitos casos negociando e retardando o conflito. Desta forma, os processos de sindicalismo de professores surgiram em contradição/oposição com suas lideranças regionais e provinciais (Blanco, 2010) e a criação de escolas (loais de trabalho) como espaços de organização de protestos, diante de condições de trabalho e infraestrutura inaceitáveis. O caso de Bahía Blanca representa um exemplo desta caracterização, mediada por uma tradição de luta que remonta ao final dos anos 80. Além disso, o sindicato SUTEBA Bahía Blanca constituiu um caso arquetípico de dissidente regional da SUTEBA central, tanto por sua intransigência nas negociações salariais quanto por sua tendência política contrária. Esta particularidade destaca a relevância do estudo das práticas e estratégias sindicais desta união particular, para compreender o consenso geral alcançado no setor de ensino do Estado e sua representatividade maciça no período 2003-2015.

Sobre o estado da arte em relação a esta questão, algumas análises explicam que a relação entre o sindicato dos professores e o alto conflito está associada à sua exposição a variáveis políticas (Murillo e Ronconi, 2004) ou que de alguma forma o conflito interno pode ser explicado por disputas sindicais ligadas à estrutura sindical e processos políticos dentro/fora dos sindicatos de professores (Cyunel e Loewy, 2015). Outros estudos enfatizam a centralidade que a educação adquiriu durante o processo de reforma neoliberal e sua relação com o conflito (Gentili et al., 2013). Uma linha crítica sobre estes estudos é constituída pelos trabalhos sobre os movimentos de autoconvocação dos professores (Migliavacca, 2009), assim como as linhas de aula que se entrelaçam na organização de alguns sindicatos de professores disputando práticas e espaços de poder (Petruccelli, 2005). Um último grupo de estudos se refere à ligação com políticas públicas e estratégias de descentralização, dentro de uma visão mais institucionalista (Narodowski, Moschetti Alegre, 2013; Mulcaby, 2014).

A abordagem adotada por esta pesquisa propõe a centralidade de pensar estratégias sindicais no âmbito da luta de classes para compreender os mecanismos de conflito e as experiências históricas de luta no período em análise (Iñigo Carrera, 2008). Seguindo esta ideia, a proposta tenta caracterizar os fatos de conflito que experimentaram coletivamente esta fração sindicalizada da classe trabalhadora, para entender em última instância as estratégias de ação sindical. O conceito de estratégia é entendido além do “sentido geral no processo de luta” (Pérez Álvarez, 2013), e está relacionado ao conjunto de práticas sociais, tradições sindicais e processos de organização coletiva (Soul, 2012). Além das contradições no uso e definição do conceito de estratégia (Cambiasso, 2015), é relevante tornar visível, dentro desta estrutura, o conjunto de práticas (Gindín, 2011) e tradições que os trabalhadores realizam em seus locais de trabalho e no sindicato, pois permitem abordar concretamente os processos de construção da representação sindical e a constituição dos coletivos de reivindicações. Desta forma, a estratégia sindical dos professores agrupados na SUTEBA (Bahía Blanca) é analisada como um processo conflituoso da fração organizada da classe trabalhadora em sua disputa com o estado provincial, mas também contra a própria SUTEBA Central.

Nesta abordagem utilizamos uma metodologia quantitativa baseada na construção de um banco de dados de conflitos trabalhistas, produto do Observatório de Conflitos Sociais do Grupo de Estudos Sociais

² Confederación de Trabajadores de la Educación Argentina; Unión Docentes Argentinos; Confederación de Educadores Argentinos; Asociación del Magisterio de la Educación Técnica.

e Marítimos (GESMAR)³. A descrição deste tipo de ações conflituosas foi realizada através de um banco de dados sobre a análise do jornal local *La Nueva Provincia*.

Cada unidade de análise -os fatos do conflito- foi examinada a partir de "dimensões" diferentes. Por sua vez, as dimensões têm variáveis analíticas e descritivas onde cada uma delas contém "atributos e subatributos". As dimensões e variáveis selecionadas permitiram visualizar um setor do universo dos conflitos sociais na cidade, que foi realizado com o objetivo de identificar as características estruturais e conjunturais objetivas das ações e de quantificar suas principais características. Por outro lado, este tipo de análise foi combinado com ferramentas qualitativas como entrevistas em profundidade com os atores do processo e uma revisão sistemática das fontes documentais, atas sindicais de assembleias e reuniões, arquivos pessoais e vários documentos.

Esta pesquisa aponta para uma visão mais ampla para avançar na relação entre estratégias, experiências e práticas de ensino nos processos de constituição de organizações sindicais, não como respostas adaptativas ao contexto socioeconômico ou à ofensiva do Estado, mas como formas de construção de significados políticos que os professores experimentam em seu local de trabalho.

Processo de conflito da SUTEBA (Bahía Blanca) durante 2003-2015

A cidade de Bahía Blanca tem se caracterizado principalmente por ser uma cidade de serviços e atividades comerciais, com um reduto industrial relacionado ao pólo petroquímico e à exportação de produtos agrícolas. A categoria de serviços sociais e comunitários na Pesquisa Permanente de Domicílios (EPH) inclui um grande número de atividades, incluindo o ensino, que cresceu a uma taxa elevada na cidade. De acordo com estatísticas fornecidas pela província de Buenos Aires, em Bahía Blanca existem atualmente mais de 400 estabelecimentos educacionais (excluindo o ambiente universitário) em todos os ramos e modalidades, que atraem quase 100 mil estudantes no total (CREEBA, 2016). No que diz respeito às modalidades de gestão, em termos agregados pode-se dizer que aproximadamente um quarto das instituições educacionais é administrado de forma privada, enquanto as demais são completamente a cargo do Estado.

Na cidade de Bahía Blanca há cerca de 6 mil professores nos níveis primário, inicial, secundário e superior não universitário, com um percentual de mais de 80% de filiação sindical, divididos entre o Sindicato Único dos Trabalhadores do Estado de Buenos Aires (SUTEBA), a Federación de Educadores Bahienses (FEB) (sindicatos majoritários com aproximadamente dois mil membros cada), o Sindicato Argentino de Docentes Particulares (SADOP), a Unión de Docentes Argentinos (UDA), a Asociación de Magisterio de Enseñanza Técnica (AMET) e a UDOCBA. Algumas delas são filiadas à CTERA⁴ e a outras centrais sindicais gerais, como a Confederación General Trabajadores (CGT) e a Central Trabajadores Argentinos (CTA).

A história da militância dos anos 70 tem uma grande durabilidade na memória da classe trabalhadora, dos estudantes e da população da cidade de Bahía Blanca. Suas raízes motivaram o apoio a um crescente conflito social (produto do intenso desemprego, insegurança no emprego, privatização de empresas estatais e energéticas, a constituição de um pólo petroquímico com sua história de poluição e pobreza de amplas camadas populares) que gerou nos anos 90 uma rica história de processos de lutas. Um ator central neste processo foram os professores. A constituição da SUTEBA Bahía Blanca em 1988, no meio da famosa marcha branca (nacional), propiciou o nascimento de um setor que lentamente começou a disputar espaço na esfera sindical e política da cidade (a *Lista Marrón*). Não será até 2001 com os chamados *Escuelazos* (Tejada Gómez, 2021) que este processo adquire uma intensidade importante no quadro imponente de grandes mobilizações, assembleias por escola e bairros e uma rede de alianças sociais que incluiu professores de todos os níveis, estudantes, desempregados, aposentados, funcionários públicos, facções operárias em luta, um setor da pequena burguesia, mas fundamentalmente com a comunidade educativa como um todo (Becher, 2018).

Embora sem nos deter na história da SUTEBA Bahía Blanca, é importante entender que o ano de 2003 marca uma ruptura em muitos aspectos com as formas como o sindicato foi administrado. Nas

³ Este grupo desenvolveu trabalho específico sobre a conflitualidade social em Mar del Plata e outras cidades portuárias: <https://observatoriodeconflictividad.org/>.

⁴ A *Confederación de Trabajadores de la Educación República Argentina*, fundada em 1973, é hoje a principal confederação de sindicatos de professores. Reúne mais de 24 sindicatos provinciais e a Cidade de Buenos Aires, e reúne dois terços dos membros das cinco organizações reconhecidas pela negociação coletiva nacional (paritárias efetivamente sancionadas desde 2006 pela Lei 26075 sobre financiamento educacional).

eleições distritais, a vitória eleitoral foi conquistada por um setor de trabalhadores da educação (a *Lista de Granados*) que durante anos fez parte da *Lista Marrón* (militante e de classe) junto com um setor de professores auto-organizados (Professores Indignados) que nasceram no calor da luta de mobilizações massivas e grandes assembléias de professores junto com a comunidade educacional, com antecedentes que vêm da luta contra a lei de transferência (1993) e contra a reforma da lei federal em 1995. Altamente crítica da posição mais centrista e verticalista do sindicato (dominada pela linha oficialista chamada *Lista Celeste*) e com uma visão mais conflituosa com o Estado, esta união política sindical ganhará as eleições convocando para gerar um novo processo de "sindicato de portas abertas", a serviço da luta popular e reivindicando o professor trabalhador no marco de um processo democratizador, participativo, comunitário e antiburocrático⁵. Os processos de resistência na cidade de Bahía Blanca durante os anos 90 (Becher, 2017) propiciaram que uma fração de professores fosse o eixo da articulação trabalhador-popular-estudante, atuando como intelectuais/representantes dos trabalhadores dentro de um processo mais amplo de luta de classes.

Em 2003, sob um novo processo de acumulação capitalista iniciado durante os governos de Néstor Kirchner (2003-2007) e Cristina Fernández (2007-2011), ocorreu uma recomposição das formas de luta dos trabalhadores. Esses dois períodos foram marcados por uma recuperação econômica e uma série de mudanças em matéria fiscal e salarial que melhoraram a situação de emprego, mas mantiveram altas taxas de informalidade e precariedade trabalhista, intensificando os problemas associados com sua queda na proporção da renda nacional, uma acentuação das demissões e um crescimento dos conflitos trabalhistas.

Em Bahía Blanca, a mudança de governo no nível local para um peronista, em 2003, iniciou uma nova fase, dando origem à formação de novas forças sociais, enquanto os trabalhadores da educação, administração estatal, saúde e empresas privadas iniciaram uma série de greves setoriais para aumentos salariais, em um contexto marcado pela desvalorização e pela saída da crise econômica.

Os professores em nível local tiveram uma relevância fundamental como atores aglutinadores da oposição política ao Kirchnerismo⁶ e ao próprio sindicato central, com um conjunto de exigências que foram além do meramente vingativo e tentaram discutir pontos fundamentais como a precariedade do trabalho, a negociação coletiva e a repressão estatal. A partir de 2006, as lideranças opostas à chamada lista azul claro formarão um agrupamento mais amplo chamado Encontro Coletivo que compartilhará critérios organizacionais e princípios básicos, baseados no pluralismo, organização de base, classismo, renovação de cargos e constante luta contra a burocratização das lideranças (Blanco, 2010). Este processo foi ampliado com as alianças com o setor da *Frete de Izquierda y los Trabajadores* em 2013 (*SUTEBAS Multicolor*), opondo-se ao azul e ao oficialismo.

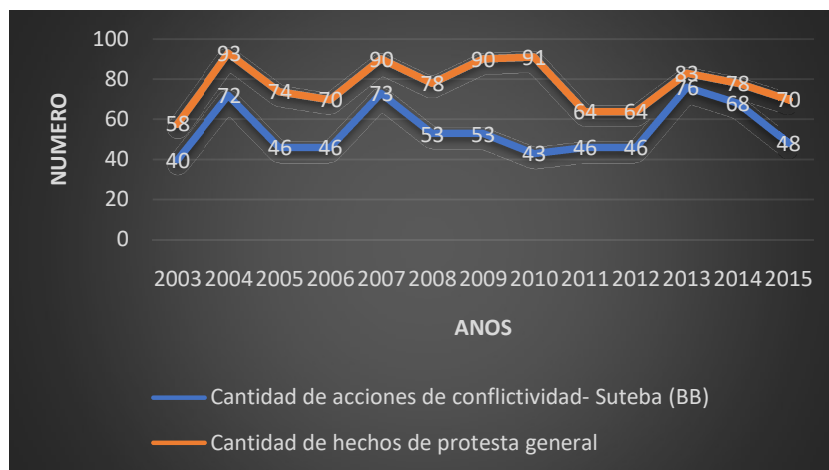
A seguir, uma descrição dos eventos de conflito neste setor sindical, e então consideraremos os tipos de eventos, as principais demandas e a territorialidade de seus conflitos. Um total de 1164 eventos conflituosos foi registrado para todo o setor educacional em geral. Destes conflitos, mais de 60% foram realizados por sindicatos estaduais em diferentes níveis, seguidos pelos conselhos escolares, a comunidade educativa, as exigências dos pais, o movimento estudantil e as instituições estatais em uma escala muito menor.

Desse total, 710 ações de conflito foram realizadas pela SUTEBA Bahía Blanca. É possível verificar que sua marca no conflito educacional total da cidade foi muito marcada com os mesmos picos de intensidade nos anos 2004, 2007 e 2013, sendo o primeiro ano após a eleição o mais alto, enquanto que 2005 e 2010 estão entre os anos de maior queda:

⁵ A referência às cores nas listas sindicais sempre foi uma constante nas disputas internas. No caso de SUTEBA em Bahía Blanca, ela tem sido influenciada pelas lutas mais amplas dos professores regionais e provinciais, e a escolha das cores tem sido relacionada a algum movimento histórico ou relacionamento ideológico. A lista marrom estava ligada às experiências de luta das listas militantes dos anos 70 e 80, mais próximas à esquerda. A cor castanha foi derivada da busca de uma cor relacionada à luta das mulheres (violeta) e a cor vermelha (mais próxima de idéias revolucionárias). A lista azul claro se identifica com o nacional e popular, e fundamentalmente com o símbolo da bandeira Argentina.

⁶ Neologismo usado para expressar a organização e seus aliados políticos no poder de raízes peronistas, com certas características comuns como produto de vários anos de governo (2003-2015).

Gráfico 1: Comparação entre os conflitos SUTEBA BB e totais geral



Fonte: Elaboração própria com base em dados do LNP (2003- 2015).

Para a abordagem dos tipos de fatos, aludimos especificamente a três grandes ações que denotam em parte os métodos de luta desta união. Em particular, assembléias e reuniões, greves e manifestações (de rua e não de rua). O movimento relacional entre assembléias e greves, que constitui a principal forma de conflito no movimento dos professores, nos permite compreender a notável relação que existia na forma como as greves eram decididas. Durante todo o período, as greves da Frente Gremial Docente Bonaerense (FGDB) foram uma expressão plena dos vínculos desenvolvidos pelo sindicato provincial SUTEBA e CTERA com os governos nacional e provincial. Com efeito, as greves aumentaram ou diminuíram de intensidade em consequência dos vínculos e adesões que esses sindicatos tinham com as políticas públicas, e das relações ambivalentes com o governo. Enquanto no primeiro período com as leis nacionais de educação e financiamento, o conflito se abrandou, o mesmo não aconteceu na cidade, que teve uma oposição marcante e foi influenciada por sua relação com a hierarquia e a comunidade educacional. Isto levou a inúmeras greves distritais ou dias de protesto sem comparecimento às aulas. Mas isto gerou outros problemas: por um lado, as críticas mordazes da mídia, as propostas falaciosas que se opunham ao direito à educação com direitos trabalhistas, a visão desdenhosa do sindicato e os ataques do Estado através de fusões de cursos, demissões encobertas ou descontos maciços levaram à geração de outras formas de manifestação que procuravam massificar e justificar o processo de participação das bases nas decisões do corpo docente como um todo. Visitas escolares, assembléias escolares (agrupamentos territoriais), demonstrações para melhores condições de trabalho ou infraestrutura, ou demonstrações não tradicionais com motivos artísticos (5% do total), tinham a intenção de lutar contra o bom senso e gerar um argumento sólido contra a falta de um orçamento real para a educação, bem como recriar outras formas não-tradicionais de ação coletiva.

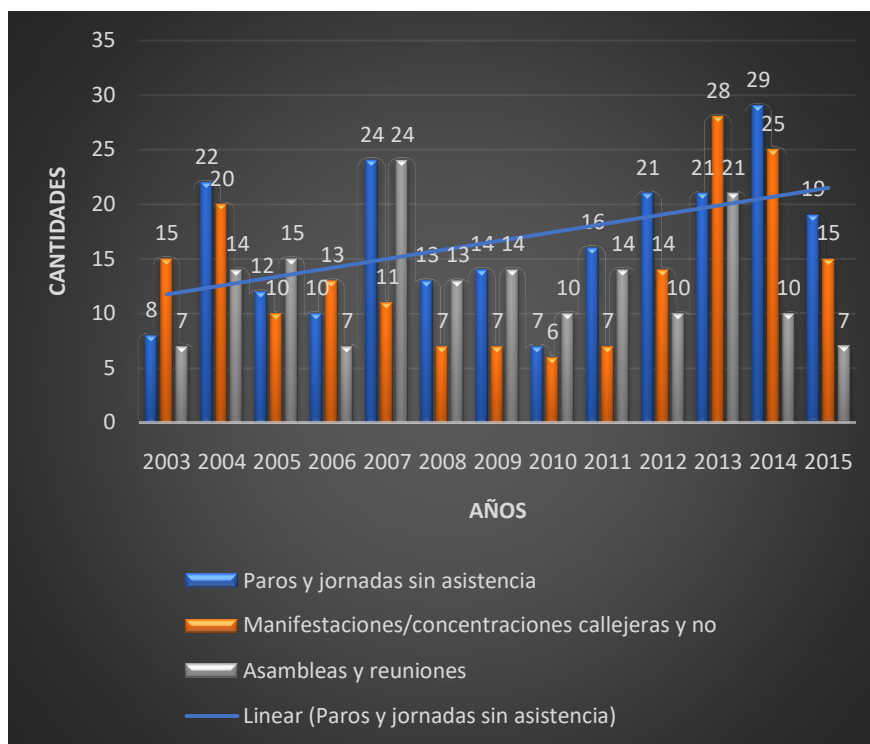
Portanto, embora as greves tenham sido importantes para a SUTEBA Bahía Blanca (representando um total de 216) quase 31% do número total de ações, o processo de realizar assembléias (25%) e “ganhar a rua” para expressar as demandas com maior força, mas também gerar consenso nas próprias bases, não foi menos importante. Contra a “greve dominica”, os dias de protesto (com paralisação das atividades) foram sempre acompanhados de manifestações (19%) que foram uma forma crucial de expressão e pressão perante as diferentes agências estatais da cidade (políticas ou educacionais). Em termos de participação, embora os números estimados pelo jornal sejam relativos, pode-se afirmar que em geral houve uma participação entre 200 e 1500 pessoas nas assembléias (embora várias de 20 pessoas no máximo), e entre 100 e 600 pessoas nas manifestações. As greves distritais tiveram uma boa aceitação no início, embora os 90% ou mais de conformidade sempre tenham ocorrido com as greves das organizações sindicais de segunda e terceira séries.

Entre os tipos de objetivos, predominam os salários (26%), as demandas políticas (16%) e organizacionais (16%) relacionadas com os tipos de eventos conflituosos. Mas, sem dúvida, a solidariedade, as demandas por direitos coletivos e justiça (juntos 4%) se destacam neste sindicato, que fizeram parte das práticas sindicais de solidariedade com as lutas de outros trabalhadores, a unidade de ação diante da injustiça social e a permanente demanda por melhores condições de trabalho.

Finalmente, a territorialidade das ações da SUTEBA identifica que a maioria delas foi realizada no sindicato (26%), depois nas escolas (21%), nas ruas e várias agências estatais (19%) e um pouco menos na

CE (11%), um Conselho Deliberante (6%), Prefeitura (4%), Praça (6%), Secretaria da sede distrital e inspeção (2%). Neste sentido, a identificação de certos pontos de encontro em agências políticas estatais motivou a mobilização de rua para demandas específicas junto a funcionários e autoridades. Nas escolas, a dinâmica mostra o acompanhamento dos representantes sindicais em face dos problemas trabalhistas e de construção, enquanto que o espaço sindical reivindica o lugar do sindicato como local de encontro, discussão e debate sobre as formas de luta:

Gráfico 2: Comparação entre ações de protesto (paradas, assembléias e manifestações)



Fonte: Elaboração própria com base em dados do LNP (2003- 2015).

Os picos de conflito (2004; 2007; 2013) estão relacionados a vários fatores explicativos, onde se destacam as políticas educacionais e os processos econômicos regressivos.

A princípio, as reformas educacionais implementadas (que mudaram a lei federal da educação e os mecanismos de financiamento educacional), em um contexto de mudanças sem consulta à base de ensino, com fusões de cursos, recategorização de professores, tentativas de modificar os estatutos, problemas de construção de longa data e recomposição salarial necessária que levou tempo para ser gerada, motivaram uma profunda rejeição das políticas do governo de Felipe Sola (2003-2007) com manifestações, greves e dias abundantes de protesto.

Em um segundo momento, a morte do professor Carlos Fuentealba (abril de 2007) enquanto protestava na estrada, às mãos do governo Sobisch em Neuquén, motivou um forte protesto nacional e uma rejeição das formas de repressão estatal, o que posteriormente implicou novas formas de pensar o sindicalismo e de valorizar o trabalho dos professores.

O ano com a pior taxa de conflito foi 2011 (ano eleitoral e após uma bateria de medidas do Kirchnerismo), um ano marcado pela influência da crise econômica sofrida pelo governo nacional e provincial devido principalmente às consequências da crise econômica internacional de 2008, um forte aumento da inflação nos preços de bens e alimentos, um ajuste fiscal diretamente influenciado pelo pagamento da dívida externa, e tensões políticas internas dentro do peronismo. Isto levou a problemas com a remuneração dos professores, o que causou muita agitação.

Esta situação explodiu na província em 2012 e 2014 com um movimento sindical que retornou às greves gerais contra o peronismo (em nível nacional e provincial), e fundamentalmente com uma oposição que usou a agitação para trombeta contra políticas progressistas e populares que tentaram expandir o bem-estar social em uma grande parte da população vulnerável (canalizada nas eleições nacionais de 2015). Neste contexto, um setor de professores reivindicou a luta contra o governo com base na exigência de melhores salários, condições de trabalho, contra a precariedade e obras de infraestrutura. Em termos gerais, esses elementos de disputa nos permitirão repensar posteriormente sua relação com o nível local, também atravessado pela lógica da reivindicação de certas práticas sindicais e do conflito interno com a central sindical e as listas internas de dissidentes.

Práticas e processos de luta da União

As práticas sindicais geradas pelo sindicato SUTEBA (BB) durante o período analisado foram fundamentais para uma nova forma de pensar e fazer sindicalismo de professores em termos participativos, democráticos, antiburocráticos e atraentes para a base, tanto para a história local como provincial. A tradição consciente e militante de classe que se teceu por volta dos anos 90 estava ligada a um setor de jovens professores com experiências de trabalho político com setores desempregados e privatizados do Estado, que a partir de 2001 e após a estagnação social do “Argentinazo” serão aqueles que formarão um setor politizado dentro do mundo do trabalho estatal, colocando-se na vanguarda de um processo de luta contra os setores do poder. Em seguida, vamos oferecer brevemente algumas dessas formas de expressão social que marcaram uma época no estudo do sindicalismo baiano, forjando uma experiência que ainda hoje está viva.

Enrique, um referente da lista marrom e representante da atual liderança dos professores, nos falou sobre algumas questões:

Quanto ao programa, o sindicato que iríamos construir era claro, foi uma decisão muito forte nos primeiros meses para formar um corpo de delegados muito maior, mais representativo, mais democrático, mais plural que se reuniria uma vez por mês... algo que não acontecia... isto como uma linha básica de intervenção, um sindicato que assumiria o mandato de 2001 da defesa da escola pública, para enfrentar no plano das exigências da união política mas também das políticas educativas (...) e uma questão que é permanente nos primeiros programas foi dar muita importância à questão dos direitos humanos, à questão da memória, da verdade e da justiça, para os crimes da ditadura (Entrevista com Enrique, professor, Bahía Blanca, 18 de julho de 2019).

A importância do sindicato além do nível economicista, reivindicativo e corporativo, como ferramenta política dos trabalhadores da educação, para a classe subalterna é um dos temas fundamentais que aparecem em muitas entrevistas. Houve uma forte intervenção na cidade que transformou o sindicato em um pólo de resistência, mesmo um espaço de encontro e solidariedade com as lutas de outros trabalhadores. “Ficou claro que nossa idéia era recriar um novo sindicalismo, com portas abertas, com assembleias regulares, mobilizações e um corpo de delegados representativos da base, que estenda e amplie a filiação e o reconhecimento da luta”, também esclarece Enrique.

Ana, professora assistente social e secretária geral do sindicato atualmente (2017-2021) também nos diz que a lógica de colocar o sindicato sob a independência política de partidos, igrejas e estados foi uma marca importante do sindicato desde sua refundação com a nova lista. Ela mesma esclarece:

É importante que a descida não seja partidária, que a política seja construída nas reuniões dos delegados, das assembleias, nas reuniões, a política do sindicato deve ser feita com camaradas e não pelos partidos... a menos que tenha havido um processo de construção como ferramenta política onde o conjunto de trabalhadores gere ou faça parte dessa liderança, que eles sejam representantes e que sejam erguidos daquele lugar e que sejam chamados a fazer parte da mesma (Ana, líder sindical, Bahía Blanca, 5 de dezembro de 2019).

Algumas das particularidades específicas da união ao pensar em práticas sindicais estavam relacionadas a atos e princípios para não se tornar burocrática, para não se sentir privilegiada e para ter sempre a relação de base gerencial como um *continuum* de diálogos permanentes, tendo um “ouvido na base”. A lógica era estar no trabalho diário da escola, atender às exigências, mas também vivê-las, sentir junto com os colegas as singularidades do trabalho educativo:

Desde o início, uma das questões que defendemos foi que o colega que tinha uma posição de liderança deveria ser mais um na escola, ele ou ela não deveria aparecer como alguém externo à escola; A segunda é a honestidade (discutimos e fizemos disso uma regra) que nenhum colega deveria ganhar mais em

licença sindical do que em sua escola (...) isso implicava não ter privilégios ou regalias com minha posição sindical... (...) a idéia sempre foi não guardar seu próprio discurso para si mesmo, ouvir os outros, dar-lhes espaço para intervir, dar espaço à oposição, não correr o risco de ser administrador sindical, deixar o conforto de lado (...) não ser funcional ao sistema (Enrique, professor, Bahía Blanca, 18 de julho de 2019).

Alguns professores protagonistas daquele período expressam que uma das qualidades mais importantes do sindicato em termos estratégicos foi sua ligação com o trabalho sindical do ponto de vista político. Esta separação que é feita freqüentemente no sindicato teve outros significados dentro do SUTEBA (BB) que o fizeram funcionar de outra forma, “dando mais apoio à liderança, mas ao mesmo tempo proporcionando por trás desse conselho sindical uma abordagem política”, como comenta Raúl. Entretanto, não foi sem conflito e tensão interna, já que as discussões sobre o papel e as demandas sindicais não podiam ser consideradas como um mero serviço, mas foram justificadas a partir da discussão com o Estado e as demandas da classe. Para Susana, ex-secretária de saúde do sindicato há muitos anos: “Era político começar a ter como norma e costume que o camarada que chegava com um problema de saúde ou acompanhamento, o conselho tivesse esse espaço, de escuta, de acompanhamento, você tem que se colocar na pele do outro e nossa política sempre foi e é estar ao lado do camarada” (Susana, professora aposentada, Bahía Blanca, 11 de outubro de 2019).

Em termos de ações de protesto e organização, as práticas sindicais estão entrelaçadas. Gabriela nos disse “que o estilo e nossa política é introduzir debates políticos nacionais e internacionais nas assembléias, mas com uma descendência dos problemas da escola, relacionando as questões políticas com as do dia-a-dia, como isso afeta você em seu salário, em sua escola, como as demandas estão relacionadas com os antecedentes e o ajuste do Estado” (Entrevista com Gabriela, assistente social, ex-líder de Suteba, Bahía Blanca, 24 de setembro de 2019).

Outra das ações emblemáticas realizadas durante os primeiros ciclos foi o “tour das escolas”. Como diz Mauricio, ele foi a cada escola para “dialogar, tentar convencer, contrastar opiniões, para não se refugiar no que pensávamos, com paciência, apoiando e escutando nossos colegas, recebendo seus problemas que foram silenciados pelo medo dos diretores (...)” (Entrevista com Mauricio, professor aposentado da escola técnica, Bahía Blanca, 4 de outubro de 2019).

As assembléias e reuniões dos órgãos delegados foram reivindicadas como órgãos democráticos do sindicato. Eles podiam ser esvaziados ou preenchidos e isso tinha a ver com o fluxo ou a amplitude da participação, com militância ativa, interesse e outros fatores. Ana diz que:

Havia momentos em que as assembléias podiam ser realizadas nas escolas, e nós nos reuníamos com os setores de bairros diferentes, junto com a comunidade, chamávamos de nucleamentos, onde duas ou três escolas do mesmo setor se reuniam em uma assembléia, todas juntas.... Então, com o tempo, era caro fazer isso novamente. (Entrevista com Ana, líder sindical, Bahía Blanca, 5 de dezembro de 2019).

As greves dos professores têm algumas características gerais a ver com sua relevância não tanto em termos produtivos, já que não afetam um setor econômico industrial ou comercial, mas à economia doméstica e reprodutiva. A economia do cuidado é notavelmente afetada e o circuito de relações que dela provém, o que gera agitação potencial na população. Portanto, a importância de acompanhar greves e paradas com informações e acompanhamento às comunidades com o objetivo de gerar consenso social. As medidas distritais ou dias de protesto foram mais medidas de greve local, devido ao aumento do desconforto com a liderança central de Suteba. Fabiana comentou:

As medidas distritais aparecem como uma necessidade de um plano de luta porque em um momento é tal a convivência entre o governo central e o governo que não se podia, eles não queriam chamar nenhum tipo de medidas ... estávamos de mãos e pés atados, nós quando começamos com as primeiras medidas distritais que surgem como uma possibilidade, fomos para os setores estatais, havia muito apoio diante da raiva que significava não receber salários e a possibilidade de perder o emprego (...) (Entrevista com Fabiana, assistente social e professora na primária e inicial, 26 de setembro de 2020).

As greves permanentes ou indefinidas foram um debate constante, principalmente com a esquerda do partido e as listas que os representavam. Neste sentido, alguns professores da liderança comentaram a situação tensa que se gera quando “correm para a esquerda”, correndo para votar em medidas que depois não são cumpridas, esvaziam, desgastam a participação ou geram apatia e falta de participação. A greve permanente é uma definição teórica em muitos casos, e não uma realidade que pode ser gerada. Autoavaliações e autocrítica através de balanços foi um tema recorrente das assembléias para discutir se as medidas funcionam ou não e por quê. Os descontos e medidas disciplinares por parte do Estado implicaram um maior uso de licenças sindicais (115 b3) que foi uma “invenção para enquadrar as medidas de greve, mas que foram apenas ferramentas organizacionais e que em muitos casos não promoveram a consciência de

classe e a participação real. Isso faz com que a medida perca legitimidade e representatividade”, comentou Fabiana para nós.

Ana retoma este aspecto e destaca algumas questões fundamentais: “A greve pode ser uma greve muito importante se for tomada pelos trabalhadores como um todo, que pode definir novas metodologias (...) que levam a discutir os resultados... que não resulta contraproducente, esgotante e vazia, uma ferramenta de luta que não perde sentido” (Entrevista com Ana, *ibidem*).

Com relação às práticas relacionadas ao feminismo, algumas questões surgem em um coletivo composto principalmente por mulheres. O ensino tem sido historicamente enquadrado nas tarefas de cuidar das crianças e em um relacionamento que paradigmaticamente foi configurado sob a identidade de “segunda mãe”:

Muitas colegas mulheres têm dificuldade de participar do sindicato... por causa das tarefas domésticas, por causa do cuidado dos filhos, por causa do relacionamento com seus parceiros... algumas colegas femininas eram delegadas e a perspectiva era, a certa altura, construir um sindicato onde as mulheres tivessem outra ocupação (...) a certa altura fomos nós que ousamos propor uma mudança, diante de homens com enorme liderança e experiência, Mas finalmente concordamos, como grupo, em definir o secretário geral, bem como outros cargos importantes a serem ocupados por mulheres (...) o que este avanço do feminismo fez dentro do sindicalismo foi para nos convencer de que tínhamos que ocupar outros lugares, e também nos fez perceber que nós mesmas estávamos relegadas a esses espaços porque o patriarcado nos convencera de que não éramos tão capazes quanto nosso parceiro, que não éramos tão boas (Ana, líder sindical, Bahía Blanca, 5 de dezembro de 2019).

Fabiana acrescenta ainda: “Na liderança há uma presença maior de mulheres, antes era bastante machista (...) havia líderes masculinos e a luta das mulheres (que eram maioria) não era levada em conta, supunha-se que o sindicalismo era uma coisa masculina (...) nossa comissão estava mudando (...) a questão da maternidade era um tema de discussão, já que muitas militantes não podiam acessar cargos, não podiam viajar para congressos ou plenários, e isso estava mudando”.

Análise e conclusões provisórias

Da pesquisa realizada em termos quantitativos dos fatos de conflito, sobre a observação e classificação jornalística, alguns resultados podem ser generalizados e correlacionados com as entrevistas e outros documentos, proporcionando uma visão específica do processo gerado.

Em primeiro lugar, destaca-se que os fatos do conflito, bem como as estratégias sindicais implementadas pela SUTEBA Bahía Blanca passaram por várias etapas, e foram o resultado de múltiplos fatores explicativos, relacionados com o contexto político. Está estabelecido que suas estratégias sindicais, acompanhadas de certas práticas dentro do sindicato e no local de trabalho, levaram à construção de uma força social que enfrentou as políticas de “disciplina estatal”, que buscou negociações sem conflitos (de 2003 a 2007). A partir do consenso alcançado pelo governo com os sindicatos de professores e CTERA, e uma paritaria de professores que facilitou a contenção do conflito, houve uma ruptura na hegemonia da liderança sindical (principalmente no SUTEBA), com o surgimento de seções dissidentes. Isto implicou um reposicionamento “desde baixo” das lideranças regionais, promovendo decisões por assembleia, órgãos delegados e a formação de reuniões e acordos mútuos.

Um segundo aspecto visível nas formas em que o sindicato acompanha outras lutas, mostra solidariedade com outros setores trabalhistas (gerando alianças, frentes sindicais, multisetoriais) e dá importância à comunidade educativa e seus problemas, resultou em um crescimento significativo de certas ações sobre outras que buscaram tornar visíveis as demandas, envolver as bases dos professores e reivindicar o lugar da luta como expressão de identidade.

Este processo (ampliado por um estudo qualitativo em desenvolvimento) foi gerado por um conjunto de práticas sindicais ligadas à democracia de base -consulta horizontal, rodízio em posições sindicais sem desprendimento de sua tarefa pedagógica e solidariedade com a classe trabalhadora- estavam relacionadas à construção do conceito de união plural, crítica e intransigente à negociação e ao modelo sindical hegemônico. Esta lógica implicava um reconhecimento do sindicato além da educação, sendo um ator político chave nas demandas dos trabalhadores e populares, e muito mais quando o setor de professores que liderou o sindicato ganhou as eleições da CTA autônoma local em 2006, e continua até hoje dirigindo estes espaços.

Como terceiro resultado, afirma-se que as estratégias estão relacionadas aos repertórios de ação conflituosa, e podem ser periodizadas em três etapas: a) uma etapa ofensiva, com greves, dias de protesto,

manifestações e bloqueios de rua, em frente às instituições educacionais do governo provincial, com fortes reivindicações em torno das leis da educação, do orçamento para o setor e da recomposição salarial. Neste aspecto, destacam-se as lutas trabalhistas e salariais (2003-2008); b) uma etapa defensiva, de reorganização, com menos fatos de conflito de alta intensidade (2009-2012), produto de mudanças aceleradas em meio às conseqüências da crise econômica internacional, mas também do posicionamento do próprio sindicato em nível provincial⁷. Neste período, a união enfrentou uma crise interna e sérios questionamentos a partir da própria base, visível num crescimento de dias de reflexão e debate, manifestações não de rua e greves provinciais em vez de distritais; 3) uma terceira etapa, de rearticulação com outras forças políticas (principalmente esquerda ou centro-esquerda) com momentos de alto conflito (2013-2015), liderando manifestações maciças e greves de longa duração, em meio a uma clara oposição à hegemonia kirchnerista, dividida pelo peronista interno. Neste ponto, as demandas por infraestrutura, condições de trabalho e a queda dos salários reais dos professores posicionaram os professores em geral como um pólo de resistência.

Em conclusão, deve-se notar que SUTEBA Bahía Blanca desenvolveu um conjunto de relações e alianças políticas com outros setores sindicais da província a fim de recriar uma alternativa política à liderança provincial de SUTEBA. Isto implicou o crescimento de dias de protesto sem comparecimento às aulas com outros distritos dissidentes, e generalizou o conceito de burocracia para discutir as posições políticas da central e sua forma de fazer sindicalismo. As greves foram fundamentais como ação de conflito e sua relevância foi dada: por seu caráter político, e não econômico; por sua capacidade de gerar consciência social e alianças com a comunidade; por ser o instrumento privilegiado para a realização de outras manifestações de protesto.

A greve foi acompanhada por uma tendência geral de mudança no comportamento do conflito trabalhista com novas modalidades de expressão e difusão de outras atividades paralelas. Esta renovação da forma de protesto social colocou em tensão as formas convencionais de levar a cabo a disputa. Os confrontos passaram do campo estritamente sindical para o campo social, no campo da escola e da rua. Foi configurada uma resistência mais qualitativa, mais focada no desenvolvimento e no escopo político (construção da consciência) do protesto. Obviamente, houve altos e baixos e processos de fragmentação, debate e desintegração. Os fluxos estavam ligados aos processos de melhoria econômica, mas também às tendências políticas e hegemônicas dominantes.

Em resumo, a SUTEBA Bahía Blanca estava ligada a uma rede de conflitos e alianças sociopolíticas que a posicionava como um sindicato que, a partir de diferentes estratégias sindicais, dirigia a luta de outras associações de funcionários estatais e outros sindicatos de professores em Bahía Blanca. A explicação para esta centralidade deriva de sua capacidade de unir a força das bases e gerar consenso social em suas reivindicações (com base em sua proximidade com a comunidade educacional), mostrando solidariedade com as ações de outros sindicatos. Finalmente, o repertório do conflito foi mediado pela situação política, e em certos casos adotou uma proposta diferente da greve dos professores, com dias de protesto, assembléias escolares e manifestações de rua que tentaram legitimar a reivindicação com a participação de outros atores da comunidade educativa, transcendendo a mera reivindicação salarial. A dinâmica do conflito nos permite afirmar que uma fração das novas gerações de professores está fortemente associada a uma identidade assalariada em vez de uma identidade profissional.

Referências

BECHER, Pablo, Un análisis cuantitativo de la conflictividad obrera en Bahía Blanca”, *Revista Conflicto Social*, Instituto Gino Germani- Buenos Aires, pp: 250-280. Disponível em: <http://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/CS/issue/current/showToc>, (consultado:20/03/2021), 2017.

⁷ Sobre este conteúdo no grande número de reuniões de paridade que tiveram no período (e os meios de comunicação mostram isso adquirido) negociações entre a liderança da central SUTEBA (ou quando ela fazia parte da Frente Gremial Docente) e o governo provincial consolidou um esquema salarial, que muitas vezes foi colocado em discussão pela base docente, pelo aumento da inflação. Por outro lado, os sindicatos nacionais e provinciais agiram, em muitos casos, como um mecanismo para conter o conflito, o que, por sua vez, levou a reclamações de filiais dissidentes à central SUTEBA. Este processo gerou uma mudança nas relações entre a hierarquia e a liderança, em múltiplos níveis, consolidando a tendência para o trabalho de base e uma maior demanda pela democratização sindical. Os acordos de negociação dos professores tornaram-se acordos de negociação para outros sindicatos e seu interesse público cresceu a partir de 2012.

BECHER, Pablo, *El movimiento de trabajadorxsdesocupadxs en Bahía Blanca*, Acercándonos ediciones- CEISO, Bahía Blanca,2018.

BLANCO, Andra, La construcción de espacios de organización política de los docentes: el desafío que representa el encuentro colectivo de la provincia de Buenos Aires, en *Associações e Sindicatos de Trabalhadores em Educação*, Rio de Janeiro, 22 y 23 de abril, 2010.

BONNET, Alberto, *La insurrección como restauración*, Prometo Libros, Buenos Aires, 2015.

CAMBIASSO, Mariela, La noción de “estrategia”: límites y potencialidades para reflexionar sobre la cuestión sindical en la Argentina de post-convertibilidad”, en *Actas de las VIII Jornadas de Sociología de la UNLP*. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata, 2015.

CHIAPPE, Mercedes y SPALTENBERG, Ricardo, *Una aproximación a los conflictos laborales del sector docente en Argentina durante el período 2006- 2009*, Universidad Nacional de Rosario, 2010.

CYUNEL, Victoria y MONTENEGRO LOEWY, Lucía, Conflictos laborales y disputas sindicales en el sector de la enseñanza estatal provincial. Algunas consideraciones teórico-metodológicas, en *Actas de las XII Congreso Nacional de estudios sobre el trabajo*, ASET, Buenos Aires, 2015.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDIOS ECONOMICOS BAHÍA BLANCA (CREEBBA) (2016), “El aporte del sector educativo a la economía local”, en *Indicadores de actividad económica*, n° 145. Recuperado de: http://www.creebba.org.ar/m/iae/archivo_iae.php (consultado 20/03/2021).

DONAIRE, Ricardo, Algunos problemas en torno a la caracterización de los docentes como “clase media”. Reflexiones a partir de una investigación empírica, en *Polifonías. Revista de educación*.n° 10, pp: 68-91, 2017.

FELDEFEBER, Myriam (coord.), *Las políticas educativas después de los '90: regulaciones, actores y procesos*, Buenos Aires, CLACSO,2011.

GENTILI, Pablo, SUAREZ, Daniel, STUBRIN, Florencia y GINDÍN, Julián, Reforma educativa y luchas docentes en América Latina, en *Educação y Sociedade*, Campinas, 89 (25), pp: 1251- 1274. 2004.

GENTILI, Pablo, *Desencanto y utopía. La educación en el laberinto de los nuevos tiempos*, CLACSO, Caracas, 2013.

GINDÍN, Julián, La conflictividad docente en América Latina. Un balance del año 2006, en *Observatorio Latinoamericano de Políticas Educativas*, Serie ensayo y publicaciones n° 26, Buenos Aires, 2007.

GÍNDIN, Julián (Comp.), *Pensar las prácticas sindicales docentes*, Herramienta, Buenos Aires, 2011.

IÑIGO CARRERA, Nicolás, Instrumentos teórico metodológicos para la investigación de la historia de la clase obrera, en *Revista de Estudios Sociales y Marítimos*, N°1 (2008), Mar del Plata, pp: 7- 12, 2008.

JAIMOVIC, Analía, MIGLIAVACCA, Adriana., PASMANIK, Yael. y SAFOCARDA, Fernanda, *Reformas neoliberales, condiciones laborales y estatutos docentes*, Centro Cultural de Cooperación: Ciudad Buenos Aires,2004.

MIGLIAVACCA, Adriana, *La protesta docente en la década de 1990. Experiencias de organización sindical en la provincia de Buenos Aires*, Tesis de Maestría en Política y Gestión de la Educación, Luján: Universidad Nacional de Luján,2009.

MULCABY, Annie, Interacciones entre sindicatos docentes y estado La Provincia de Buenos Aires entre 2000 y 2007, en *Archivos analíticos de políticas educativas Revista académica evaluada por pares, independiente, de acceso abierto y multilingüe*, (22) n° 11, Universidad de San Andrés y Arizona StateUniversity, 2014.

MURILLO, María y RONCONI, Lucas, Teachers' strikes in Argentina: Partisan alignments and public-sector labor relations. *StCompInt Dev* 39, 77–98 (2004). Disponible en <https://doi.org/10.1007/BF02686316> (consultado 20/3/2021) 2004.

NARODOWSKY, Mariano, MOSCHETTI, Mauro y ALEGRE, Silvin, Radiografía de las huelgas docentes en la Argentina: Conflicto laboral y privatización de la educación, en *Documento de trabajo Área de Educación, Universidad Torcuato Di Tella*, Buenos Aires, 2013.

PÉREZ ÁLVAREZ, Gonzalo, *Patagonia. Conflictividad social y neoliberalismo*, Buenos Aires: Imago Mundi, 2013.

PETRUCCELLI, Ariel, *Docentes y piqueteros. De la huelga de ATEN a la pueblada de Cutral Có*. Buenos Aires: El cielo por asalto/El Fracaso, 2005.

ROSSI, Alejandro, Límites y potencialidades en las políticas kirchneristas. En *Actas de las VI Jornadas de Jóvenes Investigadores. Instituto de Investigaciones Gino Germani*, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

SOUL, Julia, Transformaciones en las estrategias sindicales en contextos de reconversión productiva. Un estudio de caso en la industria siderúrgica, en AAVV *El mundo del trabajo en América Latina. Tendencias y resistencias*. CLACSO-CICCUS. Buenos Aires, 2012.

TEJADA GÓMEZ, Mauro, “*El Escuelazo*”: *Organización y conflicto docente en Bahía Blanca (2001)*”, Tesis de Licenciatura en Historia, Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca (sin publicar), 2021.